

BICICLETA, CIDADE E EDUCAÇÃO: MOVIMENTOS DE PESQUISA

*BICYCLE, CITY AND EDUCATION: SEARCH MOVES***Sheila Hempkemeyer; Leandro Belinaso Guimarães****Universidade Federal de Santa Catarina; she.hempke@gmail.com**

Resumo

Palavras-chave

Estudos Culturais
Educação
Bicicleta
Cidade

Este estudo provém de uma pesquisa de Mestrado em Educação, que investiga narrativas de “seres pedalantes” a partir da relação bicicleta-cidade. Os pressupostos teóricos apoiam-se nos Estudos Culturais e conceitos sobre educação, cultura, cotidianos, experiência e narrativas. Pesquisar com narrativas aproxima os cotidianos e promove a estes sujeitos co-autoria no trabalho. O artigo coloca em discussão algumas formas de subjetivação contemporânea, estratégias de reXistência e expressão. Um estudo que constrói narrativas e reflexões sobre a experiências destes sujeitos híbridos e seus cotidianos, problematizando os modos de vida na cidade. Pensar esse emaranhado urbano é relacionar o ambiente e a dinâmica destes corpos que pedalam, emergindo outras formas de educação e interação com o meio, tecendo múltiplas afetações estéticas, poéticas, políticas, abrindo brechas para refletir os acontecimentos cotidianos. O artigo discute ainda os movimentos de pesquisa e seus efeitos em quem pesquisa e é pesquisado(a).

Abstract

Keywords

Cultural Studies
Education
Bicycle
City

This study comes from a Master's degree in Education research, which investigates narratives of “pedaling beings” starting from the relationship bicycle-city. The theoretical assumptions lean on the Cultural Studies and concepts about education, culture, everyday life, experience and narratives. Researching with narratives closes everyday life and promotes co-authorship to the subjects in the paper. The article puts in discussion some forms of contemporary subjectivity, resistance techniques and expression. A study that builds narratives and reflections about the experiences of these hybrid subjects and their everyday life, questioning their way of life in the city. Thinking in this urban medley is connect the environment and the dynamic of these pedaling bodies, emerging other ways of education and interaction with the medium, weaving multiple affectations in aesthetics, poetry, politics, opening breaches to reflect in the everyday happenings. The article also discusses the movements in research and the effects in those who research and are researched.

Hempkemeyer, Sheila & Belinaso Guimarães, Leandro (2016). Bicicleta, cidade e educação: movimentos de pesquisa. *Athenea Digital*, 16(2), 289-305. <http://dx.doi.org/10.5565/rev/athenea.1825>

Pedalar na cidade: uma experiência educativa

A cidade é palco e potência de criação - invoca sensações. Ela é a própria criação em movimento, lugar onde se produzem subjetividades, modos de viver e (r)existir. Lócus de observação e produção de sentidos. A cidade vem recebendo destaque em pesquisas acadêmicas nas mais diversas áreas do conhecimento. A necessidade de reinventar a vida perpassa atualmente pela reelaboração do nosso entorno e, conseqüentemente, das cidades. O corpo e a cidade, o corpo da cidade, tecem uma mistura de deslocamentos e atravessamentos geográficos, simbólicos e afetivos. Emerge-se cotidianamente novas e diferentes formas de viver e experimentar o/no urbano e isso interfere em nos-

sos modos de vida, na conjuntura cultural e social, em nossas aprendizagens. Pensando desta forma sugerimos que a cidade educa, sendo vista como uma “escola” que produz subjetividades.

A noção de educação abordada no texto é ampliada para além da institucionalização. Educação enquanto acontecimento. Ela está na vida das pessoas assim como a cidade e a bicicleta, fazendo parte da criação histórica, social e cultural humana. Educação vista como uma prática pedagógica que acontece em todos os lugares, a todo momento. Os Estudos Culturais possibilitou expandir o conceito de pedagogia, contextualizada neste trabalho como pedagogia cultural que aciona discussões sobre cultura, processos educativos e movimentos de pesquisa. A partir deste lugar a proposta deste artigo é relacionar educação e cidade com a bicicleta, sendo ela atuante na pesquisa.

A Bicicleta é entendida na pesquisa como um artefato cultural e será analisada em sua interação com a cidade na composição de seres híbridos (corpo-bicicleta) que chamaremos de “seres pedalantes”. Refletir e questionar a vida na cidade, a apatia, a paralisia e ao mesmo tempo a aceleração cotidiana de experimentá-la. Compartilhamos um mundo fragmentado e qualquer “coisa” (acontecimento, artefato) que prolongue o prazer faz com que haja apego. Com isso não se tem pretensão, na pesquisa que este texto deriva, de (re)produzir e dizer “verdades”, mas de experimentar e provocar sensações.

Pedalar não é só um esporte. Pode ser vivência, troca, pode ser muita coisa. Este estudo atravessa os corpos dos seres pedalantes para além do simples ato de pedalar. O olhar para esta temática se torna relevante já que contribui com o movimento de mudança das pessoas e suas práticas cotidianas na cidade. Como (e se) esta relação de ser pedalante os afetam, que experiências são vivenciadas, que efeitos são sentidos? O texto tem por objetivo possibilitar narrativas de si que reflitam práticas cotidianas/vivências destes seres com a bicicleta. Como se enxergam nesta relação? Que identificações são produzidas/estabelecidas? Quais discursos habitam seus corpos pedalantes? Que experiências emergem a partir deste encontro? Pedalar é visto como prática e manifestação cultural, que educa e subjetiva. O movimento dos pedais e as engrenagens rolando na bicicleta no ato de pedalar, pode ser proporcional ao movimento almejado na cidade. Há criação brotando nas esquinas e ruas como um sinal desta relação. O deslocamento experimentado de outra forma que não somente motorizada. Para além dos motores urbanos, qual a polifonia da cidade? Para além do CO2 lançado nos escapamentos, que aromas ela tem? Para além dos amortecedores automotivos, quais suas texturas?

As primeiras pedaladas: a construção de uma pesquisa

Pesquisar antes de tudo é um processo de renovação permanente. É encontrar-se consigo em um constante reconhecer-se. Perder-se no processo de descobertas encobertas de desconhecimentos. Se assemelha a aprender a pedalar, primeiramente o medo nos acompanha e inúmeros questionamentos e inseguranças nos atravessam. Conforme insistimos na aprendizagem ganhamos confiança para prosseguir, em meio a freadas e arranques, pausas e avanços, buscando equilíbrio, reformulando rotas e deslocando-se incessantemente por terrenos variados. Encantar-se (e as vezes desencantar-se) nos encontros que surgem neste pedalar pela pesquisa, com a pesquisa.

Neste processo de renovação reconstruímos a nós mesmos a cada etapa. Perceptível nos traços escritos nas linhas do texto, nos rastros deixados deste pedalar “pesquisatório” ou um flamar “pedalístico”. Marcas sempre não de ficar em quem pesquisa e em quem é pesquisado/pesquisada. Ninguém passa em vão quando se envolve com aquilo que se propõe investigar. Por isso que esta pesquisa se faz com cotidianos e com sujeitos cotidianos que não são somente objetos de pesquisa, mas protagonistas da pesquisa. Pesquisar desta forma é mergulhar “em movimentos de invenções e partilhas desses *saberesfazeres*, com destaque para as artes de inventar o cotidiano” (Ferraço, 2007, p. 83, possui itálico no original). Encontrar-se em transe, embevecida(o), tecendo rotas afetivas, percursos, experimentando todo este processo de redescobrir-se, indagando inclusive a construção da pesquisa em si. Viver a pesquisa neste cotidiano, enquanto prática de estudo, lazer e trânsito. Conforme Carlos Eduardo Ferraço (2007), “pesquisar o cotidiano é buscar nós mesmos, nossas histórias, lugares, *entrelugares*, não lugares” (p. 80, possui itálico no original), sermos pesquisadores(as) de nós mesmos, ser tema de investigação e nesta busca por explicar os outros, no fundo explicamos a nós mesmos, “somos sujeitos explicados em nossa explicação [...] me conheço ao conhecer os outros” (Ferraço, 2007, p. 81).

Assim a vida decorre, num fluxo contínuo do estranhamento com o inexistente e inesperado, sendo no encontro possível de (r)existir. Pesquisar pode ser aventurar-se por novos caminhos e essas escolhas podem levar a lugares “virgens”, desconhecidos, jamais pisados ou pedalados. Lugares que possibilitarão repensar a própria existência no mundo. Uma invisibilidade sensitiva que é preciso nomear, sendo vital para que possamos guiar, tecer caminhos a partir deste olhar sobre o mundo que habitamos e que habita em nós. Um longo silêncio ensurdecido se instala nos pensamentos, mesmo quando praticamos a escrita. Uma escrita criativa, construída de forma autoral, dialogando com as teorias e autores escolhidos, “menos automática, menos servil, menos utilitarista; em favor de uma escrita transgressora” (Fischer, 2005, p 133).

Imergir na pesquisa possibilita autoria na escrita, na qual podemos conversar com a teoria transformando-a em palavras próprias. Trazer a teoria como referência para a pesquisa para dialogar na construção do pensamento. Citações não como mera reprodução, mas como possibilidade de argumentação para a construção de novos conhecimentos.

Ao utilizar um autor na escrita acadêmica, nós de certa forma o reescrevemos, nós nos apropriamos dele e continuamos sua obra, tensionamos [sic] os conceitos que ele criou, submetemos à discussão uma teoria, porque a mergulhamos no empírico, no estudo de um objeto por nós selecionado, que ultrapassa, vai além dos objetos que o autor escolhido elegeu – justamente porque nossa história é outra, nossos lugares e tempos são outros. Reescrever um autor, apropriar-se dele, é vasculhar em suas formulações teóricas um ponto de encontro com nós mesmos. (Fischer, 2005, p. 121)

Os autores citados e a própria teoria costurando um diálogo com a escrita acadêmica autoral e não somente mera repetição. O objeto de pesquisa e ela própria atuando como potência criativa, artística, cativante para quem pesquisa e é pesquisado(a). Sem esquecer dos(as) futuros(as) leitores(as) e que o estudo inspirará outras pesquisas e escritas, assim espera-se. A arte de pesquisar e poder conectar múltiplos atores deste processo investigativo, enquanto arte cotidiana de experimentação. Entregar-se a ela até em momentos mais triviais: na padaria, na rua, no banheiro, em um sonho, despertares e amanheceres. Uma prática criativa e prazerosa, carregada de anseios e desejos, dúvidas e medos, tremores e entusiasmos pelas transformações que experienciamos no processo de construção da pesquisa e em nós mesmos (as).

Na tentativa de praticar e experimentar esta forma de pesquisar, o trabalho foi construído com cotidianos e sujeitos que estão experienciando a bicicleta. Como (e se) esta relação constituinte de “seres pedalantes” na cidade os/as afetam, que experiências são vivenciadas, que efeitos são sentidos. Modos acelerados, desatentos de vida não permitem que experimentamos a doçura que escorre nos/dos encontros. Nem que percebamos ou apalpamos a pele sensível do mundo, sentidos que só fazem sentido no desaceleramento cotidiano. Enclausurados(as) e acelerados(as) não experimentamos o caminho, não temos a experiência. Nos tornamos passageiros, e histórias são tecidas de permanência não só de passagens.

Relações estas que perpassam pela forma como lidamos com o tempo, espaço e presença. Aceleração. Desatenção. Ambas palavras que nos remetem a pensar no estar aqui e agora, ações que também estão relacionadas à temporalidade. Fragmentos de vida, de sensações, de presença dificultam perceber a existência da epiderme do mundo, tão vulnerável e sedutora, quanto vigorosa e pungente, bem como o sabor dos en-

contros. O contato perde espaço para o tropeço, ou é dificultado pelas couraças que nos moldam. Couraças que por vezes prejudicam o acesso aos diversos odores que nos cercam. Prolongar o tempo e despir-se das amarras habituais tornam-se um desafio ainda maior quando há prazer envolvido. Descobertas sensíveis e apreciações são as pausas que acontecem cotidianamente que incitam e permitem esse tocar na membrana urbana e sentir o saboroso potencial dos encontros.

De acordo com isso Jorge Larrosa (2014, capítulo 1) afirma que “é experiência aquilo que 'nos passa', ou que nos toca, ou que nos acontece, e ao nos passar nos forma e nos transforma. Somente o sujeito da experiência está, portanto, aberto à sua própria transformação” (p. 28). Esta transformação urbana e subjetiva que aguça nossa prática investigativa. Para entender melhor o conceito Larrosa (2014, capítulo 1) diz que:

A experiência, a possibilidade de que algo nos aconteça ou nos toque, requer um gesto de interrupção, um gesto que é quase impossível nos tempos que correm: requer parar para pensar, parar para olhar, parar para escutar, pensar mais devagar, olhar mais devagar, e escutar mais devagar; parar para sentir, sentir mais devagar, demorar-se nos detalhes, suspender a opinião, suspender o juízo, suspender a vontade, suspender o automatismo da ação, cultivar a atenção e a delicadeza, abrir os olhos e os ouvidos, falar sobre o que nos acontece, aprender a lentidão, escutar aos outros, cultivar a arte do encontro, calar muito, ter paciência e dar-se tempo e espaço. (p. 25)

Além disso, a proposta foi adentrar nas narrativas destes “seres pedalantes”. Quem são? Como defini-los (as)? Ir ao encontro deles e capturar essas experiências através de suas falas (escritas ou sonorizadas) e imagens que possam complementar-se entre si. Construindo narrativas ficcionais, poéticas e reflexões sobre a experiências destes seres e seus cotidianos, problematizar os modos de vida na cidade e as outras ecologias que esses sujeitos híbridos proliferam. Dialogar com a cidade através da bicicleta. Usar a bicicleta para contar uma história fazendo disso parte da história destes sujeitos. Com ela e com as pessoas que a utilizam e vêm nesta relação bici-cidade uma outra forma de estar no mundo, provocando fissuras nos modos de viver/estar/experimentar o cotidiano na cidade. Contar uma história é expor suas partes marcantes e sensíveis, recortes de uma vivência para os outros, é compartilhar seu estar no mundo, uma forma de permanecer e existir enquanto sujeito no mundo. Encontrar nestas narrativas similaridades e conexões que permitam compreender os efeitos desta prática cotidiana na vida das pessoas.

Então, trabalhar com narrativas coloca-se para nós como uma possibilidade de fazer valer as dimensões de autoria, autonomia, legitimidade, beleza e pluralidade de estéticas dos discursos dos sujeitos cotidianos. Trabalhar com his-

tórias narradas mostra-se como uma tentativa de dar visibilidade a esses sujeitos, afirmando-os como *autoresautoras*, também protagonistas dos nossos estudos. (Ferraço, 2007, p. 86, possui itálico no original)

A pesquisa com narrativas é uma proposta de aproximar cotidianos do(a) pesquisador(a) e pesquisado(a), principalmente quando lança o olhar para as experiências dos sujeitos da pesquisa. Neste sentido não se coloca em questão a produção de verdades, mas os sentidos e seus efeitos. Maria Emília Caixeta de Castro Lima, Corinta Maria Grisolia Geraldi e João Wanderley Geraldi (2015) contribuem afirmando que “é da experiência vivida que emergem temas e perguntas a partir dos quais se elegem os referenciais teóricos com os quais se irá dialogar e que, por sua vez, fazem emergir as lições a serem tiradas” (p. 27). Neste sentido, toda pesquisa tem um fim, mas que não se finaliza. Está em constante construção enquanto acontece e posteriormente sendo potência para novas pesquisas que possam ser contestadoras ou aberturas de outros caminhos.

Este estudo só é possível a partir de uma teoria com o olhar amplo sobre educação, que acolhe práticas pedagógicas diversas da vida social, interferindo direta e indiretamente nos espaços formais de educação. Temos a pretensão de desconstruir representações “para promover outros modos de ver um lugar preenchido com as existências de diferentes sujeitos [...] mostrando [seu] caráter social, cultural e histórico” (Guimarães, Zanco, Salgado e Melo, 2010, p. 79). Se constituiu em um estudo qualitativo, no qual se “vai tecendo e destecendo os caminhos da pesquisa a partir das diferentes perguntas e situações que surgem ao longo das experiências de campo e de leituras teóricas do campo dos estudos culturais e dos entornos pós-modernos da educação ambiental” (Guimarães e Santos, 2009, p. 95).

Pesquisar na perspectiva pós-estruturalista dos Estudos Culturais permite com que haja uma abertura dos estudos em educação, historicamente voltados para o espaço escolar. A instituição escola é uma formação cultural, social e histórica, assim como os sujeitos que habitam aquele lugar e todos os significados que a sustentam. Pesquisar sobre cultura envolve diretamente processos educativos e de formação de determinados sujeitos. Deste modo, apresentaremos uma pesquisa em educação sobre cultura, em especial a da bicicleta e a relação dos seres pedalantes com a cidade, refletir sobre como esta relação afeta estes sujeitos.

Nesta ótica

Tanto 'o que' quanto 'o como' pesquisar são construídos nos fazeres da investigação, em um trabalho que envolve muito rigor e um extenuante ir e vir en-

tre o referencial teórico-metodológico e o corpus de análise que adquire forma no decorrer do estudo. (Sampaio, 2009, p. 132)

A metodologia foi construída vivenciando-a etnograficamente. Ancorada nos Estudos Culturais:

Que defendem que existe pedagogia, modos de ensinar e possibilidades de aprender nos mais diferentes artefatos culturais, que se multiplicaram na nossa sociedade, ampliamos nossos objetos curriculares, para investigar todo e qualquer artefato cultural que ensina, buscando mostrar o currículo que eles apresentam (Paraíso, 2014, p. 26)

Além disso, todas as vivências e questionamentos são registradas no diário de campo, narrando os silêncios profundos e pulsantes que habitam e atravessam durante a pesquisa. Escritos inscritos em nós. Cotidianos, experiências, vivências, encontros. Um estudo que atravessa os corpos híbridos dos seres pedalantes para além do simples ato de pedalar. Contando histórias singulares sobre eles e elas e suas bicicletas, para além do concreto urbanístico. Ouvi-las, descobri-las, tecendo um novo olhar. Uma pesquisa que leve em conta as subjetividades e principalmente a mobilidade humana. Contribuições coletivas sendo costuradas pelos referenciais teóricos que escolhemos, pelos encontros em aulas, nos grupos de estudos, orientações, bem como pelos sujeitos que encontramos (e que nos encontrarão) pelo universo dos pedais. Com o objetivo de refletir sobre olhares e narrativas que produzem e são produzidos(as) a partir do encontro das pessoas com a bicicleta, enquanto corpo pedalante nesta relação bicicletacidade. Que experiências são produzidas nesta relação, a partir deste encontro?

Nos tornamos passantes descuidados(as) dos outros(as) e de nós mesmos(as). Compartilhando de uma apatia social somos muitas vezes zumbis urbanos e nos esquecemos que histórias se fazem de prolongamentos e experiências e não só de passagens. Desta forma perdemos a beleza do caminho e a possibilidade de construir rotas afetivas no trajeto justamente por ocorrências efêmeras, pela fragmentação superficial de nossas vivências. Entendemos que a Bicicleta é uma abertura de sentidos, justamente por não haver armaduras que nos afastam do contato com o ambiente. Nos convida a reinventar a experiência urbe aflorando a possibilidade de acesso a uma natureza urbana esquecida, invisível, imperceptível, ensurdecida ou abafada pela aceleração dos motores. Analisar os efeitos do uso da bicicleta na cidade com um crivo ético e estético.

Enxergamos na bicicleta a possibilidade de assumir tanto um lugar de equilíbrio num sistema saturado, falido e insuportável, quanto de desequilíbrio da comodidade cotidiana. Ela ocupa um entrelugar na cidade, simbolizando resistência e reXistências

(outras formas de existir). Contrapondo-se ao “imperialismo automotivo¹”, buscando garantir e legitimar outras formas de deslocamentos e vivências urbanas.

Lubrificando a magrela: como a pesquisa acontece

Além da renovação provocada pelo ato de pesquisar, tanto de quem pesquisa e é pesquisado(a), quanto do próprio tema, cada etapa, cada pedalada é um desafio. Há múltiplos terrenos, diversas bicicletas para experimentá-los, ladeiras íngremes para subir. Por vezes falta fôlego, mas as descidas compensam pelo vento que nos corta e aquele frio na barriga de ter atingido tal propósito. Sem se ater a velocidades ou cronometrado tempos. Mesmo que estes estejam a todo instante lado a lado nos fazendo lembrar dos prazos a cumprir, dos compromissos que nos propusemos a assumir.

Entre as trocas do grupo TECENDO², orientações e pedaladas propriamente ditas há tranquilidades e inquietudes, criações e inspirações. Experimentar no corpo este processo, sentir os arrepios/tremores do que foi aprendido e do que ainda é devir. Nestes encontros construímos nossos modos de pesquisar. Larrosa (2014, capítulo 1) fala que “o sujeito da experiência seria algo como um território de passagem, algo como uma superfície sensível que aquilo que acontece afeta de algum modo, produz alguns afetos, inscreve algumas marcas, deixa alguns vestígios, alguns efeitos” (p. 25)

O trabalho tem cunho etnográfico *in loco* e virtualmente. A imersão “pedalística” acerca do tema ampliou este mergulho para além da presença física. Com a conectividade *online* (etnografia virtual) as possibilidades destas amarrações se estenderam. A etnografia virtual foi fundamental para estreitar essa ligação. A imersão já acontecia bem antes da pesquisa existir, há, pelo menos, três anos que a bicicleta faz parte do cotidiano da primeira autora do artigo. Essa vivência com ela foi trazida para a problematização acadêmica. Por vezes ela se perdia, se estranhava nesta relação, e isto foi determinante para construir a pesquisa.

O desafio era transformar essas experiências e trocas em objetivos investigativos, e conseguir o distanciamento necessário para falar deste fenômeno como pesquisadora, não mais como uma amante incondicional da magrela. A partir do momento que a bicicleta se tornou tema de análise, a intensidade e a atenção para as trocas “pedalísticas” foram renovadas. Trocas estas que aconteceram em eventos/encontros locais, regionais e mundiais sobre a bicicleta. Em pedaladas por caminhos desconhecidos e pelas descobertas urbanas que permitiram reinventar ambientes e relações cotidianas. A

¹ Baseando-se na leitura do livro *Apocalypse Motorizado* de Ned Ludd (2004/2005).

² Grupo de pesquisa sobre educação, ambiente e cultura vinculado à Universidade Federal de Santa Catarina, www.facebook.com/tecendo

bicicleta é o ponto de convergência que uniu as duas vivências: cotidiana e acadêmica. Os ruídos anteriores à escolha da temática e posteriores tornaram-se escritos afetivos em um diário de campo.

O diário consegue fundir as palavras e as coisas, a medida que as acolhe em suas páginas. E cada vez que tais páginas são abertas, abrem-se fluxos de possibilidades de comentários; abrem-se para o inédito. O diário permite a impressão de notas (como na música) já ouvidas ou conhecidas, mas que serão montadas de outra forma produzindo certa 'composição' (como as conclusões de uma pesquisa). (Medrado, Spink e Mélo, 2014, p. 278)

Desde a escolha do tema da pesquisa havia o interesse de analisar os efeitos educativos da bicicleta na vida das pessoas em relação à cidade. Pensar esta cidade enquanto mudança cotidiana acontecendo através do olhar e do sentir pedalante. Mas como fazer isso? Colecionando histórias e narrativas? Assim nasceu de forma coletiva a *fanpage* “Seres Pedalantes³” como uma possibilidade de capturar relatos sobre a temática proposta, propositalmente e surpreendentemente. Culturalmente os nomes mais comuns dados a quem pedala é ciclista e/ou cicleteiro. O primeiro é principalmente direcionado aos praticantes do esporte (ciclismo) e/ou pessoas que usam a bicicleta por lazer, e frequentemente usam roupas esportivas específicas. O segundo são pessoas que fazem uso diário da bicicleta como meio de transporte, usando roupas comuns. Neste grupo as bicicletas costumam ser mais simples e acessíveis financeiramente. Há também outras nomenclaturas para ciclistas urbanos como: cicloativistas, *cyclo-chic*, *bike lovers*, que vão surgindo conforme a relevância e a necessidade de falar de um lugar de uma forma diferente.

A escolha por “seres pedalantes” foi a forma que encontramos para denominar quem pedala de maneira ampla, que fuja de estereótipos e não tenha distinção de gênero ou categorias já estabelecidas culturalmente. São pessoas que estabelecem uma relação intensa, afetiva e profunda com a bicicleta, levando em conta a subjetividade e os processos educativos. Um conceito em construção que poderá ser reformulado a cada novo encontro, a cada experiência e troca pedalante.

Com o nascimento da *fanpage* primeiramente pensamos em uma pergunta disparadora que pudesse potencializar as narrativas: “Por onde pedalam seus desejos?” (ver figura 1). Vimos também a necessidade de aliar essas narrativas com imagens. Ambas unindo-se no discurso dos/das seres pedalantes, imagem e narrativa que se complementam e se fundem. Similar ligação que acontece entre a bicicleta e o pedalante, sen-

³ <https://www.facebook.com/serespedalantes>

do ser pedalante. Uma criação autoral, podendo ser ficcional, poética, afetiva, livre e que fale das experiências que tiveram pedalando.



Figura 1: Print do perfil da fanpage

A curadoria das narrativas foi feita com o seguinte critério: contar a relação que o sujeito tem com a bicicleta, narrando como ela/ele se vê enquanto ser pedalante. A página é aberta para qualquer postagem, sendo assim um espaço público de coleta de pesquisa. Questões provocam e convidam para que as pessoas escrevam sobre seu encontro com a bicicleta, e esta troca é espontânea e livre. Em contrapartida, o olhar/estar pesquisadora é também ativo. Isso quer dizer que não estou somente esperando o que poderá surgir, mas que estou atentamente capturando e colecionando histórias para publicar. E como qualquer colecionador(a) busco a todo instante novas tramas e enredos que possam estimular outras narrativas, contribuindo também para o amplo olhar da bicicleta no mundo.

Visto que a experiência e trocas com a bicicleta estavam acontecendo há mais tempo que a própria pesquisa, o primeiro relato foi especialmente escolhido como disparador dos demais. Uma história de vida tecida sobre duas rodas com a força de suas pernas e músculos, marcas de um corpo pedalante que carregou consigo prazeres e superações com a bicicleta. Ouvir a narrativa de Wilberto Boos⁴ (ver figura 2), contada por ele mesmo antes de seu falecimento, do quanto a bicicleta foi protagonista na sua vida fez com que essa narrativa marcasse o início das postagens.

Porque eu pedalo?

⁴ Os nomes próprios são os das pessoas que contribuíram para a pesquisa e não foram ficcionados.

Pedalando descubro, ou, descortino a cidade onde vivo. Pedalar é me integrar, descobrir tudo e com todos. Pedalando, olho nos olhos das pessoas pelas quais passo e as cumprimento como amigos. Pedalando eu vejo pássaros e demais seres da cidade, vejo o rio e sua dinâmica nas marés. De bicicleta consigo ver, a cada curva, uma nova silhueta do verde que ainda emoldura nossa cidade. Sinto o vento, o calor, os cheiros da cidade, a chuva, o frio, as cores e às vezes, também a dor. Sei que não conseguiria ver tanta coisa boa e bonita não fosse com a bicicleta, simples, silenciosa, dinâmica. É minha incansável forma de viver e ser feliz. (Wilberto Boos, post no facebook, 13 de abril de 2015)

Boos é sinônimo de mobilidade humana para todos e todas que o conheceram, podendo futuramente sua história se tornar objeto de estudo, de tão importante e marcante sua presença em nossos mundos. Após seu óbito a primeira autora do artigo teve um encontro com sua sobrinha Adriana, que também pedala por influência do tio, e ela pode conhecer ainda mais a ligação deste ser pedalante com a bicicleta. Deste encontro o convite foi estendido para que ela também pudesse contar sua história na página. Assim a metodologia foi sendo construída, na qual a primeira história inspira outras e assim sucessivamente. Esta possibilidade permitiu que o mergulho etnográfico se tornasse on-line, expandido a relação com a pesquisa. Com o tempo algumas pessoas se interessaram pela apresentação da página e o convite foi feito a elas para contribuírem narrando sua relação com a bicicleta na cidade.

Houve encontros casuais que ocorreram virtualmente. Imagens nas redes sociais que fazem surgir o interesse pelas “ciclobiografias” de pessoas desconhecidas/anônimas do ambiente etnográfico no qual me insiro. Como no caso do Renato Zerbinato (ver figura 2). No dia de morte de Eduardo Galeano (13/04/2015) ele postou uma foto sua com a bicicleta em um muro em Brasília, com seguinte frase: “Para que serve a utopia? Para que não se deixe de pedalar”, homenageando o escritor. Vendo essa imagem postada na *timeline* (linha do tempo) de uma colega procurei estabelecer contato com Renato. Enviei uma mensagem virtual para ele (no *messenger*) falando sobre meu interesse em saber mais sobre a foto e da sua história com a bicicleta. Expliquei que estava realizando uma pesquisa acadêmica sobre esta temática e que a foto dele provocou minha curiosidade e vontade de conhecê-lo. Convidei-o para contar publicamente sua história na *fanpage*.

Nesta troca descobri que ele também nomeava-se como um pedalante, semelhante \ “nomenclatura” que uso para dizer das pessoas que pedalam. Trocamos mensagens escritas e de áudio para que eu pudesse conhecê-lo e escrever um texto para publicar na página. A trajetória de Renato é tão intensa e ativa quanto a do Boos. Por isso além de divulgar sua história com a bicicleta, foi publicado nos comentários sua prática coti-

diana no BiciCentro Comunitário em Brasília. Segue a imagem de ambos que dialogam com suas narrativas.



Figura 2: Fotos de Wilberto Boos (esquerda) e Renato Zerbinato (direita) postadas na fanpage (www.facebook.com/serespedalantes), em 13/04/2015 e 18/04/2015, respectivamente

Adentrar nas narrativas dos sujeitos que pedalam, ir ao encontro deles/delas e capturar essas experiências através de suas falas (escritas ou sonorizadas) e imagens que possam complementar-se entre si. Ouvi-las, descobri-las, tecendo um novo olhar sobre a cidade. Uma pesquisa que leve em conta as subjetividades. Com a pretensão de contar histórias singulares sobre seres pedalantes e suas bicicletas na cidade, para além do concreto urbanístico. Um lugar que permita deslocamentos mais sensíveis, lentos e intensos. Por onde pedalam seus desejos na cidade? Larrosa (2014, capítulo 1) descreve que:

Este é o saber da experiência: o que se adquire no modo como alguém vai respondendo ao que vai lhe acontecendo ao longo da vida e no modo como vamos dando sentido ao acontecer do que nos acontece. No saber da experiência não se trata da verdade do que são as coisas, mas do sentido ou do sem-sentido do que nos acontece. (p. 32)

Recorri às redes sociais, visto sua ampla conectividade, para alcançar qualquer pessoa, bem como compartilhar histórias e seus efeitos, incitando esta co-participação pelo uso diverso da bicicleta. Estou cotidianamente com olhar atento para qualquer bicicleta, ou pessoa que faça uso dela, que possa colaborar nesta construção da pesquisa. Encontro-me em movimento de ziguezaguear por ela, experimentando e construindo esta proposta como estratégia investigativa. Pesquisando no aqui e agora remexendo

retalhos ao mesmo tempo que trilhando caminhos possíveis que possam se conectar com os objetivos deste estudo.

Foi assim que encontrei com Claudia de Oliveira, moradora de Manaus, que se diz “manauara de coração, apaixonada pela bicicleta”. Um recorte de sua narrativa mostra o vínculo que ela estabelece com a magrela:

Em pouco tempo a bicicleta foi deixando de ser uma forma agradável de praticar atividade física e lazer e foi ocupando um espaço gigantesco na minha vida. Além de me envolver em atividade voluntária de promoção da bicicleta como meio de transporte na cidade, passei a experienciar tudo com mais intensidade, a observar as coisas belas do meu caminho, a perceber com mais clareza os problemas. A bicicleta tem esse poder de nos aproximar de tudo e de todos e isso tem um impacto monstruoso na vida da gente. Mudei muitos conceitos e outros foram se agigantando. O sentimento de cidadania e a vontade de ser atuante e fazer a diferença, mesmo que mínima, hoje me acompanha 24 horas. (Claudia Oliveira, post no facebook, 15 de outubro de 2015)

Já Ariane Storch Portal tece uma narrativa poética intensa, falando de sensações e entregas enquanto pelada. Expressa através de metáforas as dores que a bicicleta alivia e as aberturas que no encontro com ela se potencializam. Anuncia sua união matrimonial promovida pela prática “pedalística”, sendo a bicicleta protagonista desta relação.

Subi na minha bicicleta e eu estava ali, livre, junto dela como uma extensão de mim, só indo e todo o resto, o que de alguma forma me limita, estava cada vez mais distante, até eu não poder ver mais. Giro mais algumas vezes o pedal e o meu respirar torna-se ainda mais profundo. Posso ali, libertar-me de tudo que aparentemente sou e me encontrar. Não me sinto só, sinto-me conectada. A bicicleta não mente. Me mostra o bom e o ruim. E não me queixo. Não é saudável omitir verdades para poupar sofrimento. Há calor, frio, chuva, barulho ou silêncio. (...) Pedalar era um momento meu. Tornei-me tão próxima de mim que me amei. Parei de me boicotar por culpa, abandonei o hábito da auto-depreciação. Vivi. Pedalando conheci um homem especial e vou casar com ele. A bicicleta faz parte da nossa história desde o início: viajamos e pedalamos 45 km juntos antes mesmo de namorar. Mais viagens vieram e muitos mais quilômetros pedalados. É como vemos e queremos a vida. Não apenas chegar, mas viver o caminho. A bicicleta mudou várias partes do nosso corpo, dentre elas, a que mais gosto são os olhos. (Ariane Storch Portal, post no facebook, 20 de outubro de 2015)

Neste sentido os co-autores/autoras são incitados a narrar sobre si ecoando suas práticas cotidianas com a bicicleta na cidade. Como se enxergam nesta relação? Que identificações são estabelecidas? Quais discursos habitam seus corpos pedalantes? Que

experiências emergem a partir do encontro com a bicicleta? Estas questões que foram tecidas pela pesquisa tiveram o objetivo de refletir sobre os olhares e narrativas que produzem e são produzidas no encontro das pessoas com a bicicleta, enquanto corpo pedalante nesta relação bicicleta-cidade.

Bicicultura: um vir a ser em movimento

“O corpo sabe ser feliz por conta própria”

(Lisboa, 2007, p. 139).

O uso da bicicleta vem sendo cada vez mais plural. E é inegável que ela esteja sendo hoje um hiato na cidade, irradia uma nova relação urbana e humana com seu entorno e entre os seres que a pedalam. Uma senhora criada há mais de 150 anos e ao mesmo tempo tão jovem e vivaz, capaz de avivar impulsos primários em quem arrisca-se a usá-la. A bicicleta vem sendo utilizada como ferramenta de resistência e reXistência, questionamento, protesto, arte, resgate do dito “humano” entre as pessoas. Desacelera a rapidez que vivemos na cidade, ao mesmo tempo que permite a fluidez contínua por vias entupidas. Permite a troca de olhares entre as pessoas, sentimentos adormecidos e/ou esquecidos, arte por entre encruzilhadas, criações outras surgindo na relação entre os encontros promovidos pelo ato de pedalar. Esta nova forma de estar na cidade transforma as pessoas, e essa transformação equivale a transformação que querem na/para cidade.

A entrega quando é inteira merece que seja vivida intensa e vagorosamente. Assim as cores do mundo revelam-se, a polifonia ao redor se engrandece. Nos tornamos mais sensíveis ao toque, ao aroma. O ser pedalante capta e reverbera essa sensibilidade. É aquela pessoa ou aquele corpo que de tão ligado/conectado à bicicleta consegue falar por ela. Da mesma forma que a bicicleta fala pelo(a) ser que a pedala. Tornam-se únicos, seres pedalantes. Uma ligação íntima e intensa que os/as transformam-se *sui generis*, conectados(as). Tornando-se potência para outras formas de viver a/na cidade, outros modos de vida urbana e humana. As narrativas deram voz a algo que é a extensão de seus corpos. As engrenagens da bicicleta como sendo suas engrenagens e desta troca, deste encontro ouvir a melodia que brota de suas rodadas pelo mundo.

Os ruídos da imersão etnográfica permitiu escutar e perceber que a bicicleta fez com que os seres pedalantes enxergassem outros contornos da/na cidade e do/no mundo. Mudou a relação corpo cidade e o próprio corpo da cidade foi sentido de outras formas. Os/as seres pedalantes questionam sua arquitetura, sua polifonia, seus aromas, suas texturas, seus lugares, suas vestimentas, suas passagens e paisagens. A bicicleta os/as fez repensar e transformar a relação com o mundo, com outros seres e com seu

próprio corpo. Inclusive perceber a cidade como um corpo, um organismo vivo e atravessado pelas vivências cotidianas de pessoas que reXistem neste mundo urbanístico. Repensam seu consumo, sua alimentação, suas relações, suas vidas.

Após este estudo percebemos que pedalar na cidade é provar sua doçura, lamber do mel que se esconde no mundo urbano e com a bicicleta se escancara. Zumbidos cotidianos produzindo o doce, que torna-se aroma ao desacelerar os modos de vida, pedalar é um pouco disso. É também perceber as membranas urbanas. Com a tomada da visibilidade da epiderme urbana sentimos e tocamos a pele sensível da cidade, outros mundos, outras cidades se abrem e são possíveis. A bicicleta é o mel produzido e (es)corre em meio aos zumbidos e buzinas na cidade. É erva daninha que fortalece a cada um que toca é a tocado por esta pele sensível, provando da doçura que é estar na rua de maneira lenta e desacelerada. Que o trajeto feito pelas pessoas cotidianamente possa produzir aromas, texturas e polifonias outras. E que seres pedalantes se reverberem em rituais urbanos e humanos.

Cidades que não se modificam, que não se renovam, são esquecidas, pois a história é feita de atravessamentos cotidianos, de pessoas que se deslocam por e entre estes espaços urbanos contando, vivendo e re-escrevendo a própria história a partir destes encontros. Há um jogo simbólico envolvido nesta trama e que se reinventa nas diferentes formas de estar na cidade. O vento que refresca cada corpo pedalante é potência de mover seu entorno, é possibilidade de resgate de uma humanidade esquecida, experiência que provoca a multiplicidade de outros sentidos, sensações, vivências, olhares sobre si, sobre os outros, sobre o meio em que circula. A Bicicleta está permitindo repensar o lugar da cidade no cotidiano das pessoas, e a ciclovia não é só um direito garantido e seguro na via, mas um traçado simbólico na rua. Circular de outra forma nos espaços urbanos, uma maneira outra de viver a cidade, a ciclovia tornando-se cicloVIDA. A Bicicleta nos convida para ir para a rua e experimentá-la, conversar sobre as sensações que podemos ter naquele lugar.

Este estudo permitiu demonstrar que pedalar pode possibilitar outros modos de viver a/na cidade. A bicicleta pode ser um respiro, um suspiro, um freio ao aceleração dos modos de vida atuais. Provoca mudanças nas pessoas e ao mesmo tempo que mudam seu olhar, mudam seu entorno. Reverbera a multiplicidade de ser e estar na cidade, resignificando-a cotidianamente. Esta nova forma de estar na cidade transforma as pessoas e esta transformação equivale a transformação que querem na/para cidade. Através das sensações compartilhadas percebeu-se que há inúmeras possibilidades de se relacionar com a bicicleta na cidade. Cada “ser pedalante” elabora esta relação de maneira singular, subjetivando-se histórica e culturalmente pelos atravessamentos que ecoam em seu entorno. Uma polifonia multicolorida repleta de aromas

proporcionada pela bicicleta, pela relação estabelecida com ela, sendo um/uma pedalante.

Além disso, evidencia e propõe diálogos acerca de vivências em ambientes urbanos, podendo elencar outras ecologias nesta relação. Pensar esse emaranhado urbano relacionando o ambiente da cidade. Por meio da bicicleta e o movimento destes corpos que pedalam é possível outras formas de interação com o meio, tecendo múltiplas afetações estéticas, poéticas, políticas, abrindo brechas para pensar outros atravessamentos contemporâneos.

Referências

- Ferraço, Carlos Eduardo (2007). Pesquisa com o cotidiano. *Educação & Sociedade*, 28(98), 73-95. <http://dx.doi.org/10.1590/S0101-73302007000100005>
- Fischer, Rosa Maria Bueno (2005). Escrita acadêmica: arte de assinar o que se lê. In Marisa Vorraber Costa & Maria Isabel Edelweiss Bujes (Orgs.), *Caminhos investigativos III: riscos e possibilidades de pesquisar nas fronteiras* (pp. 117-140). Rio de Janeiro: DP&A.
- Guimarães, Leandro Belinaso & Santos, Juliana Evelyn dos (2009). Entre imagens e deslocamentos: descaminhos de uma pesquisa em educação ambiental. *Interações*. 5(11), 91-102. Disponível em: <http://revistas.rcaap.pt/interaccoes/article/view/377/332>
- Guimarães, Leandro Belinaso; Zanco, Janice; Salgado, Gabriele, & Melo, Sara. (2010). Tecendo Educação Ambiental e Estudos Culturais. *Pesquisa em Educação Ambiental*.5(2). Disponível em <http://www.revistas.usp.br/pea/article/view/55915/59301>
- Larrosa, Jorge (2014). *Tremores: escritos sobre experiência*. Belo Horizonte: Autêntica Editora.
- Lima, Maria Emília Caixeta de Castro; Geraldi, Corinta Maria Grisolia, & Geraldi, João Wanderley (2015). O trabalho com narrativas na investigação em Educação. *Educação em Revista*, 31(1), 17-44. <http://dx.doi.org/10.1590/0102-4698130280>
- Lisboa, Adriana (2007). *Rakushisha*. Rio de Janeiro: Rocco.
- Ludd, Ned (Ed). (2004/2005). *Apocalypse Motorizado: a tirania do automóvel em um planeta poluído*. São Paulo: Conrad Editora do Brasil.
- Medrado, Benedito; Spink, Mary Jane; Mélo, Ricardo Pimentel (2014). Diários como atuantes em nossas pesquisas: narrativas ficcionais implicadas. In: Mary Jane Spink, Jacqueline Isaac Machado Brigagão, Vanda Lúcia Vitorino Nascimento, & Mariana Prioli Cordeiro (Orgs.), *A produção de informação na pesquisa social: compartilhando ferramentas*. (pp. 273-294). Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais.
- Paraíso, Marlucy Alves (2014). Metodologias de pesquisa pós-críticas em educação e currículos: trajetórias, pressupostos, procedimentos e estratégias analíticas.

In: Dagmar Estermann Meyer & Marlucy Alves Paraíso (Orgs.), *Metodologias de pesquisa pós-críticas em educação*. (pp. 25-47). Belo Horizonte: Mazza Edições.

Sampaio, Shaula Máira Vicentini de (2009). A construção de uma pesquisa e suas reviravoltas: relatos sobre investigação que articula Educação Ambiental e Estudos Culturais. In: Thais Ferreira & Shaula Máira Vicentini de Sampaio (Orgs.), *Escritos metodológicos: possibilidades na pesquisa contemporânea em Educação*. (pp 143-147). Maceió: Edufal.



Este texto está protegido por una licencia [Creative Commons 4.0](#).

Usted es libre para Compartir —copiar y redistribuir el material en cualquier medio o formato— y Adaptar el documento —remezclar, transformar y crear a partir del material— para cualquier propósito, incluso comercialmente, siempre que cumpla la condición de:

Atribución: Usted debe reconocer el crédito de una obra de manera adecuada, proporcionar un enlace a la licencia, e indicar si se han realizado cambios . Puede hacerlo en cualquier forma razonable, pero no de forma tal que sugiera que tiene el apoyo del licenciante o lo recibe por el uso que hace.

[Resumen de licencia](#) - [Texto completo de la licencia](#)